

Prêmio internacional HOW Design Annual — 2010
para as capas da coleção. *How Magazine* é uma
renomada revista americana de design gráfico

Prêmio internacional AIGA 50 Books/50Covers — 2008
para o projeto gráfico da coleção pelo
American Institute of Graphic Arts (AIGA)

INOCÊNCIA VISCONDE DE TAUNAY



CLÁSSICOS
SARAIVA

1ª edição



Editora
Saraiva

Gerente editorial

Rogério Gastaldo

Coordenação editorial e de produção

Edições Jogo de Amarelinha

Editora-assistente

Solange Mingorance

Projeto gráfico, capa e edição de arte

Rex Design

Ilustração da capa

Carvall

Diagramação

Rex Design

Cotejo de originais

Maria Fernanda Neves

Revisão

Denise K. Dognini e Dida Bessana

Elaboração *Diários de um Clássico e Contextualização Histórica e Suplemento de Atividades*

Claudio Blanc

Elaboração *Entrevista Imaginária e Projeto Leitura e Didatização*

Vicente Luís de Castro Pereira

Impressão e acabamento**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Taunay, Visconde de,
Inocência / Visconde de Taunay -- 1ª ed.
São Paulo : Saraiva, 2009. -- (Clássicos Saraiva)

Suplementado por caderno de atividades.

ISBN 978-85-02-07941-0

1. Romance brasileiro I. Título. II. Série.

09-04413

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura brasileira 869.93

© Editora Saraiva, 2009

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

8ª tiragem, 2019

CL: 810011

CAE: 571316

Caro leitor,

Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de Literatura Brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”.

Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem-preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o autor – uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute do prazer da leitura. Faça uma boa viagem!

SUMÁRIO

INOCÊNCIA

- PREFÁCIO À 3ª EDIÇÃO 11
PREFÁCIO À 4ª EDIÇÃO 13
I. O SERTÃO E O SERTANEJO 17
II. O VIAJANTE 25
III. O DOUTOR 33
IV. A CASA DO MINEIRO 38
V. AVISO PRÉVIO 43
VI. INOCÊNCIA 47
VII. O NATURALISTA 53
VIII. OS HÓSPEDES DA MEIA-NOITE 56
IX. O MEDICAMENTO 61
X. A CARTA DE RECOMENDAÇÃO 65
XI. O ALMOÇO 72
XII. A APRESENTAÇÃO 76
XIII. DESCONFIANÇAS 80
XIV. REALIDADE 85
XV. HISTÓRIAS DE MEYER 91
XVI. O EMPALAMADO 96
XVII. O MORFÉTICO 104
XVIII. IDÍLIO 108
XIX. CÁLCULOS E ESPERANÇAS 114
XX. NOVAS HISTÓRIAS DE MEYER 118
XXI. *PAPILIO INNOCENTIA* 122
XXII. MEYER PARTE 125
XXIII. A ÚLTIMA ENTREVISTA 129
XXIV. A VILA DE SANT'ANA 135
XXV. A VIAGEM 141
XXVI. RECEPÇÃO CORDIAL 144
XXVII. CENAS ÍNTIMAS 147
XXVIII. EM CASA DE CESÁRIO 151
XXIX. RESISTÊNCIA DE CORÇA 158
XXX. DESENLACE 164
EPÍLOGO. REAPARECE MEYER 169
- DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO 173
CONTEXUALIZAÇÃO HISTÓRICA 187
ENTREVISTA IMAGINÁRIA 193

A

JOSÉ ANTONIO DE AZEVEDO CASTRO,
AMIGO DE INFÂNCIA

Azevedo Castro,

Se, como nos antigos tempos da Grécia, me fora possível erigir custoso templo, dedicava-o à Amizade, para no frontispício gravar o teu querido nome.

Deste vivo sentimento, permite-me hoje, amigo, dentro do círculo dos meus fracos e limitados meios, qualquer demonstração.

Não é um valioso monumento que vou inscrever a tua lembrança; simplesmente na primeira página de uma narrativa campestre e despreziosa, de um livro singelo e sem futuro.

Aceita-a como um dos mais espontâneos movimentos da minha alma, que nesta declaração sincera julga assentar direitos e completos indultos.

A. d'Escragnolle Taunay

Rio de Janeiro, 8 de julho de 1872.

PREFÁCIO À

3.ª EDIÇÃO

O romance *Inocência*, da lavra do Sr. Visconde de Taunay, tem tido carreira auspiciosa, não só no Brasil mas no mundo inteiro.

Escrito para fins de 1870 e impresso, dois anos depois, nos prelos da Tipografia Nacional, sob o pseudônimo de Sílvio Dinarte, que se tornou tão conhecido, para logo mereceu os maiores elogios do jornalismo do Rio de Janeiro, sendo reproduzido debaixo da forma de folhetim em muitas folhas das antigas Províncias, hoje Estados do Brasil.

No ano de 1884, teve segunda edição – essa, corrigida com cuidado e luxuosamente feita pela acreditada casa Leuzinger e Filhos.

No exterior, o êxito foi ainda maior.

A despeito dos tropeços provenientes da restrita divulgação da língua portuguesa na Europa, podemos sem receio afirmar que, depois dos Lusíadas¹ de Camões, esta é das obras escritas no nosso idioma, a que maior número de traduções tem atingido.

Foi duas vezes vertida em francês – a primeira, em 1883, e publicada como folhetim no *Courrier International* de Paris – a segunda, em 1895, impressa no rodapé do mais conceituado jornal daquela grande capital, *Le Temps*. Esta tradução é do romancista francês Olivier du Chastel, que esteve algum tempo em Lisboa.

Teve igualmente duas versões em italiano – uma, do publicista G. P. Malan, o qual permaneceu largos anos no Brasil (Editor Roux, de Turim, 1893) – outra, dada em folhetim no *Corriere de la Sera de Milão*, 1895.

Em inglês, a tradução é de James J. Wells (Chapman, Londres, 1889), engenheiro de nota, muito tempo empregado nas estradas de ferro do norte do Brasil.

Em alemão, de Arno Philipp, ainda residente entre nós (Porto Alegre, 1895).

Em dinamarquês, do Dr. Björving-Pettersen, que, há uns dez anos a esta parte, percorreu o interior em exploração científica.

E – fato bem curioso e altamente lisonjeiro – por carta datada de Tóquio aos 26 de maio de 1893 – o literato japonês Kawana Kwandzo

¹ Uma das obras máximas da língua portuguesa, *Os Lusíadas*, do poeta português Luís de Camões (1524-1580), narra a viagem de Vasco da Gama às Índias e as aventuras das navegações portuguesas e das conquistas de ultramar (NE). Todas as notas constantes nesta edição são de autoria do próprio Taunay, exceto as que tenham a indicação NE (Nota do Editor).

pediu ao Sr. Visconde de Taunay licença para trasladar *Inocência* à sua língua materna, servindo-se da tradução inglesa de James J. Wells.

Completamente esgotadas as duas edições em português, com esta terceira – reprodução exata da segunda – julgamos atender ao interesse do público, proporcionando-lhe a posse e a leitura de um livro que tanto favor há granjeado nas letras.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1896

Os Editores

PREFÁCIO À

4.ª EDIÇÃO

Esgotou-se em menos de um ano a terceira edição, um tanto ampla contudo, que mandáramos fazer deste festejado romance do Sr. Visconde de Taunay. Continuando ativa a procura, resolvemos, pois, atender sem demora aos pedidos que temos incessantemente recebido de muitos pontos do Brasil.

Também se manteve, no estrangeiro, constante o favor público a esse livro, nascido em boa hora. A lista, com efeito, das versões que, em várias línguas, já há merecido *Inocência*, devemos aditar, dentro desse ano decorrido, mais uma tradução; esta, em espanhol, por D. José Clementino Soto, e publicada, em folhetim, no *Tiempo*, de Buenos Aires.

Apresentando-a aos seus leitores, o literato argentino, em longo estudo crítico, expendeu algumas considerações que julgamos de interesse deixar aqui registradas.

Ao mencionar o lisonjeiro acolhimento que, por toda a parte, tem tido esta obra, diz ele:

“Ei-la, agora, em espanhol.

Qual, porém, a razão de tão extraordinário êxito? Qual a tese, que ideia excepcional, que problema grandioso se aventa, se agita, se estuda nas estreitas páginas desse romance, que tem tido o dom de despertar tamanho interesse e de chamar a si a atenção de tanta gente, nas regiões mas diversas do globo?

No todo, nada de novo. *Inocência* tem a grandeza da simplicidade. O tema dominante é o idílio amoroso de dois espíritos singelos, que tecem a trama pastoril do seu drama em meio da zona intertropical, no centro da América, de acordo com o círculo em que vivem e sob a influência do amor contrariado, o eterno amor!

Não usa o autor de grandes efeitos dramáticos, nem dos complicados recursos de literatura, de que lançam mão os romancistas modernos; mas o colorido é tão vivo, tanto o frêmito da paixão, o debuxo das cenas que se prendem, umas a outras, tem tal relevo e verdade, os caracteres se sustentam tão bem, que o leitor vive a vida dos personagens postos debaixo dos seus olhos. Poder-se-ia até dizer que, daquelas páginas, como que se desprende grato, insinuante, suave, o perfume das laranjeiras em flor, que cercam a tranquila vivenda do sertão, em que se desenvolve o conflito fatal ao apaixonado mancebo e à meiga e encantadora heroína, a graciosa sertaneja.

Muitos, por cá, hão comparado *Inocência* a *Maria*, de Jorge Isaacs². Quanto à forma, bem, pois o idílio, como também em *Paulo e Virgínia*³, nele predomina; mas o fundo, a maneira de se exprimirem os diversos tipos de romance, o seu modo de sentir, o contraste entre todos eles, o envolver da ação vibrante, a vivacidade de cenas sempre várias, tudo isto é muito diferente. *Maria* pertence a um gênero de literatura que teve a sua época e passou sem deixar de si maiores vestígios, ao passo que *Inocência* sempre nova e louçã, traçou ao redor do nosso planeta um sulco luminoso, de caráter permanente.

O Visconde de Taunay imprimiu ao livro a sua fisionomia altamente artística. Tão somente, em vez de buscar a inspiração nas obras-primas dos mestres, foi colhê-la diretamente no seio da natureza virgem e esplêndida do seu formoso Brasil; daí, aquela obra refulgente de vida e colorido, imortal para sempre!...”

Da notável série de artigos⁴ que o distinto literato e prestigioso crítico Sr. João Ribeiro consagrou ao Sr. Visconde de Taunay, destacaremos também as seguintes e expressivas linhas, referentes a este romance:

14 “*Inocência* é um dos livros mais belos da nossa língua. É uma das criações mais suaves e delicadas de que seja capaz o nosso temperamento literário, e atrevo-me a supor que, nesse gênero, jamais a nossa literatura, que cada vez mais se complica de exotismos, produzirá outro que se lhe aproxime. Também nele se traduz esse equilíbrio moral que é a característica da individualidade estética do autor.

E, se quereis vê-lo, abramos o livro. Ele é *naturalista*; não podia deixar de sê-lo com a observação fiel e exata dos costumes do interior, com a pintura colorida e verdadeira das nossas paisagens – e tudo isso sem as asperezas, sem os tristes recursos do naturalismo hodierno e vulgar. Ele é igualmente *idealista*, pela pintura nobilíssima dos sentimentos e das paixões, pelo véu de horror que põe aos detalhes trágicos do crime; e tudo isso sem se emaranhar e se perder no aéreo, no impalpável, ou no fantástico.

² A menção é ao escritor colombiano Jorge Isaacs (1837-1895) e a seu romance *Maria*, uma das obras mais conhecidas do romantismo hispano-americano. Ela narra as dificuldades da relação entre um judeu convertido e sua amante. É invocada aqui em virtude de seu bucolismo e da paisagem que ela suscita. (NE)

³ *Paulo e Virgínia*: romance do escritor e botânico francês Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), publicado em 1787. É mencionado em razão do idílio amoroso que ele descreve entre os dois personagens, tendo sempre uma ambientação junto à natureza. (NE)

⁴ Publicados no jornal *Comércio de S. Paulo*, números 1474 a 1480, ao longo do mês de março de 1898. (NE)

A emoção do desenlace do livro junto à desapareição da nossa última simpatia encarnada em *Inocência*, esse duplo sacrifício subitâneo e irreparável, deixa-nos uma amargura profunda e indelével. E o sentimento, afinal, que nos subjuga é o do horror por esses desertos longínquos e bárbaros, o tédio por esse inóspito mundo de desolações e de morte.

É esse no fundo, acredito eu, o segredo magistral com que Taunay nos pinta a paisagem sertaneja. Esse segredo, possuía-o também Chateaubriand⁵, ao descrever as cenas da natureza tropical. Não é que esta seja em si mesma bela, nem tenha sido o *habitat* duma civilização; ela tem a sugestão do espírito do homem, mas justamente pela ausência do homem.

O que os mestres dessa paisagem nos dizem é a melancolia desse túmulo, é a solidão dessas turbas de seres vivos, é o deserto que lembra a vida, como a lembram as ruínas e os sepulcros.

Eu não creio que tenha alguém entre nós conseguido com tanta emoção e verdade a pintura das perspectivas brasileiras.”

Sai a presente edição bastante melhorada, o que se evidencia pelo cotejo com as anteriores. Pretendia nesta o autor, a fim de tornar mais rápida e intensiva a leitura, suprimir as denominações e epígrafes dos capítulos, riscar os muitos grifos que indicam erros e vícios de linguagem dos personagens e atirar para o fim todas as notas elucidativas; mas que desistiu do intento, preferindo deixar ao livro o cunho primitivo e já consagrado.

Da nossa parte, fizemos quanto em nossas forças cabia, para que a parte material não destoasse da valia da obra tão reputada em todo o mundo.

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1898

Os Editores

⁵ *François-René de Chateaubriand* (1768-1848), escritor, ensaísta, diplomata e político que se notabilizou por suas obras inspiradas em personagens indígenas e na natureza tropical, vistos sob uma ótica idealizada, o que fez dele um dos principais nomes do pré-romantismo. Exerceu grande influência na prosa do século XIX, notadamente a de língua portuguesa. (NE)

I. O SERTÃO E O SERTANEJO

*Todos vós bem sentis a ação secreta
Da natureza em seu governo eterno;
E de ínfimas camadas subterrâneas
Da vida o indício à superfície emerge.*
Goethe, *Fausto*, 2ª parte⁶

*Então com passo tranquilo metia-me eu
por algum recanto da floresta, algum
lugar deserto, onde nada me indicasse
a mão do homem, me denunciasse a
servidão e o domínio; asilo em que
desse crer ter primeiro entrado,
onde nenhum importuno viesse
interpor-se entre mim e a natureza.*
J.-J. Rousseau, *O encanto da solidão*⁷

Corta extensa e quase despovoada zona da parte sul-oriental da vastíssima Província de Mato Grosso a estrada que da Vila de Sant'Ana do Paranaíba vai ter ao sítio abandonado de Camapuã. Desde aquela povoação, assente próximo ao vértice do ângulo em que confinam os territórios de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso até ao Rio Sucuriú, afluente do majestoso Paraná, isto é, no desenvolvimento de muitas dezenas de léguas, anda-se comodamente, de habitação em habitação, mais ou menos chegadas umas às outras; rareiam, porém, depois as casas, mais e mais, e caminha-se largas horas, dias inteiros sem se ver morada nem gente até ao *retiro*⁸ de João Pereira, guarda avançada daquelas solidões, homem chão e hospitaleiro, que acolhe com carinho o viajante desses alongados páramos, oferece-lhe momentâneo agasalho e o

17

⁶ *Johann Wolfgang von Goethe* (1749-1832): escritor e pensador alemão que também incurcionou pelo campo da ciência. Foi uma das mais importantes figuras do romantismo alemão e deu origem às ideias românticas desenvolvidas por autores de outros países. Com Friedrich Schiller foi um dos líderes do movimento literário alemão *Sturm und Drang* (Tempestade e Furor). *Fausto*, sua obra mais conhecida, trata do pacto com o demônio Mefistófeles, travado por Fausto, para obter conhecimento infinito e domínio sobre a natureza. (NE)

⁷ *Jean-Jacques Rousseau* (1712-1778): filósofo suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. É uma das figuras marcantes do Iluminismo francês. Em razão de sua teoria sobre o "homem natural" e da importância que confere às forças da natureza, Rousseau é também considerado um dos precursores do romantismo. (NE)

⁸ *Retiro*: chama-se em Mato Grosso retiro o local em que os criadores de gado reúnem as reses para contá-las, marcá-las e dar-lhes sal.

provê da matalotagem precisa para alcançar os campos de Miranda e Pequiri, ou da Vacaria e Nioac, no Baixo Paraguai.

Ali começa o sertão chamado bruto⁹.

Pousos sucedem a pousos, e nenhum teto habitado ou em ruínas, nenhuma palhoça ou tapera dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça, ou a chuva que está caindo. Por toda a parte, a calma da campina não arroteada; por toda a parte, a vegetação virgem, como quando aí surgiu pela vez primeira.

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se à maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquele solo, fertilizado aliás por um sem-número de límpidos e borbulhantes regatos, ribeirões e rios, cujos contingentes são outros tantos tributários do claro e fundo Paraná ou, na contravertente, do correntoso Paraguai.

Essa areia solta e um tanto grossa tem cor uniforme que reverbera com intensidade os raios do sol, quando nela batem de chapa. Em alguns pontos é tão fofa e movediça que os animais das tropas viageiras arquejam de cansaço, ao vencerem aquele terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canela.

Frequentes são também os desvios, que da estrada partem de um e outro lado e proporcionam, na mata adjacente, trilha mais firme, por ser menos pisada.

Se parece sempre igual o aspecto do caminho, em compensação mui variadas se mostram as paisagens em torno.

Ora é a perspectiva dos cerrados¹⁰, não desses cerrados de arbustos raquíticos, enfezados e retorcidos de São Paulo e Minas Gerais, mas de garbosas e elevadas árvores que, se bem não tomem, todas, o corpo de que são capazes à beira das águas correntes ou regadas pela linfa dos córregos, contudo ensombram com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor e mostram na casca lisa a força da seiva que as alimenta; ora são campos a perder de vista, cobertos de macega alta e alourada, ou de viridente e mimosa grama, toda salpicada de silvestres flores; ora sucessões de luxuriantes capões¹¹, tão regulares e simétricos em sua disposição que surpreendem e embelezam os olhos; ora, enfim, charneças meio apauladas, meio secas, onde nasce o altivo buriti e o gravatá entrança o seu tapume espinhoso.

Nesses campos, tão diversos pelo matiz das cores, o capim crescido e ressecado pelo ardor do sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incêndio que algum tropeiro, por acaso ou mero desenfado, atea com uma faúlha do seu isqueiro.

⁹ *Bruto*: sem moradores.

¹⁰ *Cerrados*: florestas de arbustos de 3 a 4 pés de altura mais ou menos, mui chegados uns aos outros.

¹¹ *Capões*: excelente palavra brasileira derivada da língua geral *caá-púan* (mato isolado).

Minando à surda na touceira, queda a vívida centelha. Corra daí a instantes qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula, como que a contemplar medrosa e vacilante os espaços imensos que se alongam diante dela. Soprem então as auras com mais força, e de mil pontos, a um tempo, rebentam sôfregas labaredas que se enroscam umas nas outras, de súbito se dividem, deslizam, lambem vastas superfícies, despedem ao céu rolos de negrejante fumo e voam, roncando pelos matagais de tabocas e taquaras, até esbarrarem de encontro a alguma margem de rio que não possam transpor, caso não as tanja para além o vento, ajudando com valente fôlego a larga obra de destruição.

Acalmado aquele ímpeto por falta de alimento, fica tudo debaixo de espessa camada de cinzas. O fogo, detido em pontos, aqui, ali, a consumir com mais lentidão algum estorvo, vai aos poucos morrendo até se extinguir de todo, deixando como sinal da avassaladora passagem o alvacentos lençol, que lhe foi seguindo os velozes passos.

Através da atmosfera enublada mal pode então coar a luz do sol. A incineração é completa, o calor intenso, e nos ares revoltos volitam palhinhas carboretadas, detritos, argueiros e grânulos de carvão que redemoinham, sobem, descem e se emaranham nos sorvedouros e adelgaçadas trombas, caprichosamente formadas pelas aragens, ao embaterem umas de encontro às outras.

Por toda a parte melancolia; de todos os lados tétricas perspectivas.

É cair, porém, daí a dias copiosa chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aqueles sombrios recantos a traçar às pressas jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo num trabalho íntimo de espantosa atividade. Transborda a vida. Não há ponto em que não brote o capim, em que não desabrochem rebentões com o olhar sôfrego de quem espreita azada ocasião para buscar a liberdade, despedaçando as prisões de penosa clausura.

Àquela instantânea ressurreição nada, nada pode pôr peias.

Basta uma noite, para que formosa alfombra verde, verde-claro, verde-gaio, acetinado, cubra todas as tristezas de há pouco. Aprimoram-se depois os esforços; rompem as flores do campo que desabotoam às carícias da brisa as delicadas corolas e lhe entregam as primícias dos seus cândidos perfumes.

Se falham essas chuvas vivificadoras, então, por muitos e muitos meses, aí ficam aquelas campinas, devastadas pelo fogo, lugubremente iluminadas por avermelhados clarões, sem uma sombra, um sorriso, uma esperança de vida, com todas as suas opulências e verdejantes pimpolhos ocultos, como que raladas de dor e mudo desespero por não poderem ostentar as riquezas e galas encerradas no ubertoso seio.

Nessas aflitas paragens, não mais se ouve o piar da esquiua perdiz, tão frequente antes do incêndio. Só de vez em quando ecoa o arrastado guincho de algum gavião, que paira lá em cima ou bordeja ao chegar-se à terra, a fim de agarrar um ou outro réptil chamuscado do fogo que lavrou.

Rompe também o silêncio o grasnido do caracará, que aos pulos procura insetos e cobrinhas ou, junto ao solo, segue o voo dos urubus, cujos negrejantes bandos, guiados pelo fino olfato, buscam a carniça putrefata.

É o caracará comensal do urubu. De parceria se atira, quando urgido pela fome, à rês morta e, intrometido como é, a custo de alguma bicada do pouco amável conviva, belisca do seu lado no imundo repasto.

Se passa o caracará à vista do gavião, precipita-se este sobre ele com voo firme, dá-lhe com a ponta da asa, atordoando-o, atormenta-o só pelo gosto de lhe mostrar a incontestada superioridade.

Nada, com efeito, o mete em brios.

Pelo contrário, mal levou dois ou três encontrões do miúdo, mas audaz adversário, baixa prudente à terra e põe-se aí desajeitadamente aos saltos, apresentando o adunco bico ao antagonista, que com a extremidade das asas levanta pó e cinza, tão de perto as arrasta ao chão.

20

Final, de cansado, deixa o gavião o folguedo, segurando de um bote a serpezinha, que em custoso rasto, procurava algum buraco onde fosse, mais a salvo, pensar as fundas queimaduras.

Tais são os campos que as chuvas não vêm regar.

Com que gosto demanda então o sertanejo os capões que lá de bem longe se avistam nas encostas das colinas e baixuras, ao redor de alguma nascente orlada de pindaíbas e buritis?!

Com que alegria não saúda os formosos coqueirais, núncios da linfa que lhe há de estancar a sede e banhar o afogueado rosto?!

Enfileiram-se às vezes as palmeiras com singular regularidade na altura e conformação; mas não raro amontoam-se em compactos maciços, dos quais se segregam algumas mais e mais, a acompanhar com as raízes qualquer tênue fio d'água, que coleia falto de forças e quase a sumir-se na ávida areia.

Desde longe dão na vista esses capões.

É a princípio um ponto negro, depois uma cúpula de verdura, afinal, mais de perto, uma ilha de luxuriante rama, oásis para os membros lassos do viajante exausto de fadiga, para os seus olhos encandeados e sua garganta abrasada.

Então, com sofreguidão natural, acolhe-se ele ao sombreado retiro, onde prestes desarreia a cavalgada, à qual dá liberdade para ir pastar, entregando-se sem demora ao sono reparador que lhe trará novo alento para prosseguir na cansativa jornada.

Ao homem do sertão afiguram-se tais momentos incomparáveis, acima de tudo quanto possa idear a imaginação no mais vasto círculo de ambições.

Satisfeita a sede que lhe secara as fauces, e comidas umas colheres de farinha de mandioca ou de milho, adoçada com rapadura, estira-se a fio comprido sobre os arreios desdobrados e contempla descuidoso o firmamento azul, as nuvens que se espacejam nos ares, a folhagem lustrosa e os troncos brancos das pindaíbas, a copa dos ipês e as palmas dos buritis a cicizar, a modo de harpas eólias, músicas sem conta com o perpassar da brisa.

Como são belas aquelas palmeiras!

O estípite liso, pardacento, sem manchas mais que pontuadas estrias, sustenta denso feixe de pecíolos longos e canulados, em que assentam flabelas abertas como um leque, cujas pontas se acurvam flexíveis e tremulantes.

Na base em torno da coma, pendem, amparados por largas espatas, densos cachos de cocos tão duros, que a casca luzidia, revestida de escamas romboidais e de um amarelo alaranjado, desafia por algum tempo o férreo bico das araras.

Também, com que vigor trabalham as barulhentas aves antes de conseguir a apetecida e saborosa amêndoa! Em grupos juntam-se elas, umas vermelhas como chispas soltas de intensa labareda, outras versicolores, outras, pelo contrário, de todo azuis, de maior viso e que, por parecerem negras em distância, têm o nome de araraúnas¹². Ali ficam alcandoradas, balouçando-se gravemente e atirando, de espaço a espaço, às imensidades das dilatadas campinas notas estridentes, quando não seja um clamor sem fim, ao quererem muitas disputar o mesmo cacho. Quase sempre, porém, estão a namorar-se aos pares, pousadas uma bem encostadinha à outra.

Vê tudo aquilo o sertanejo com olhar carregado de sono. Caem-lhe pesadas as pálpebras; bem se lembra de que por ali podem rastejar venenosas alimárias, mas é fatalista; confia no destino e, sem mais preocupação, adormece com serenidade.

Correm as horas: vem o sol descambando; refresca a brisa, e sopra rijo o vento. Não cicizam mais os buritis; gemem, e convulsamente agitam as flabeladas palmas.

É a tarde que chega.

Desperta então o viajante; esfrega os olhos; distende preguiçosamente os braços; boceja; bebe um pouco d'água; fica uns instantes

¹² *Araraúnas*: araras pretas.

sentado, a olhar de um lado para outro, e corre afinal a buscar o animal, que de pronto encilha e cavalga.

Uma vez montado, lá vai ele a passo ou a trote, bem disposto de corpo e de espírito, por aqueles caminhos além, em demanda de qualquer pouso onde pernoite.

Quanta melancolia baixa à terra com o cair da tarde!

Parece que a solidão alarga os seus limites para se tornar acabrunhadora. Enegrece o solo; formam os matagais sombrios maciços, e ao longe se desdobra tênue véu de um roxo uniforme e desmaiado, no qual, como linhas a meio apagadas, ressaltam os troncos de uma ou outra palmeira mais alterosa.

É a hora em que se aperta de inexplicável receio o coração. Qualquer ruído nos causa sobressalto; ora o grito aflito da zabelê nas matas, ora as plangentes notas do bacurau a cruzar os ares. Frequente é também amiudarem-se os pios angustiados de alguma perdiz, chamando ao ninho o companheiro extraviado, antes que a escuridão de todo lhe impossibilite a volta.

Quem viaje atento às impressões íntimas, estremece, mau grado seu, ao ouvir nesse momento de saudades o tanger de um sino muito, muito ao longe, ou o silvar distante de uma locomotiva impossível. São insetos ocultos na macega que trazem essa ilusão, por tal modo viva e perfeita que a imaginação, embora desabusada e prevenida, ergue o voo e lá vai por estes mundos afora a doidejar e a criar mil fantasias.

22

Espalham-se, por fim, as sombras da noite.

O sertanejo que de nada cuidou, que não ouviu as harmonias da tarde, nem reparou nos esplendores do céu, que não viu a tristeza a pairar sobre a terra, que de nada se arreceia, consubstanciado como está com a solidão, para, relanceia os olhos ao derredor de si e, se no lagar pressente alguma aguada, por má que seja, apeia-se, desencilha o cavalo e reunindo logo uns gravetos bem secos, tira fogo do isqueiro, mais por distração do que por necessidade.

Sente-se deveras feliz. Nada lhe perturba a paz do espírito ou o bem-estar do corpo. Nem sequer monologa, como qualquer homem acostumado a conversar.

Raros são os seus pensamentos: ou rememora as léguas que andou, ou computa as que tem que vencer para chegar ao término da viagem.

No dia seguinte, quando aos clarões da aurora acorda toda aquela esplêndida natureza, recomeça ele a caminhar, como na véspera, como sempre.

Nada lhe parece mudado no firmamento: as nuvens de si para si são as mesmas. Dá-lhe o sol, quando muito, os pontos cardeais, e